

# **Villette de Charlotte Brontë: uma tentativa em direção à visibilidade**

Carla Alexandra Ferreira (UFSCar)

**RESUMO:** Neste artigo pretendo mostrar como o romance *Villette* reproduz e, ao mesmo tempo, tenta construir um novo conjunto de ideias no que diz respeito à posição da mulher na sociedade. Assim procuro demonstrar que a categoria de gênero é um constructo histórico e cultural e não uma condição natural.

**Palavras-chave:** Gênero; literatura; Charlotte Brontë; linguagem; poder

**ABSTRACT:** *In this article, I aim to show how the novel Villette reproduces and, at the same time, tries to construct a set of new ideas concerning women's position in society. Thus, I intend to demonstrate that gender category is a historical and cultural construct and not a natural condition.*

**Keywords:** *Gender; literature; Charlotte Brontë; language; power*

## **I. Introdução**

Meu objetivo, neste artigo, é o de examinar como o romance *Villette* (1853) de Charlotte Brontë reproduz, ao mesmo tempo, que tenta construir um novo conjunto de ideias, no que diz respeito à posição da mulher na sociedade britânica do século XIX. Pretende-se mostrar como nesse texto literário são negociadas a visibilidade e invisibilidade da mulher de classe média de seu tempo.

A obra literária – especialmente o romance – tem sido produzida em uma determinada sociedade, num período específico, com sua história, acontecimentos, ideologias e legado cultural. O reflexo da sociedade na produção literária, assim como desta na sociedade é algo comumente aceito como nos aponta Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (CANDIDO, 1973). Entretanto, é pertinente examinar como isso ocorre; como a obra literária contribui para perpetuar, assim como se opor a seu contexto ideológico-cultural, ou seja, investigar como esse caminho de mão dupla ocorre. Nesta perspectiva, pode-se observar, por meio de um discurso de poder, que há indivíduos que parecem invisíveis (são feitos invisíveis) durante um determinado período. Não são considerados individual, política, social e humanamente. Este grupo é inferior em oposição

a um que detém o poder. Em contrapartida, há aqueles que mesmo na condição de invisibilidade social, adquirem visibilidade, produzida em seus escritos.

Neste sentido, assume-se que a categoria de gênero é simultaneamente construída e reconstruída na literatura inglesa daquele período, e não um componente natural, parte de uma ‘essência’ feminina, como os escritos (técnicos e literários) da época e do século anterior a ela propagavam. Bourdieu escreve que se a visão dominante de divisão de sexo “parece estar na ‘ordem das coisas’, como se diz algumas vezes para falar daquilo que é normal, natural, a ponto de ser inevitável, é porque ela está presente, em seu estado objetivado, no mundo social e também em estado incorporado [...] onde ela funciona como um princípio universal de visão e divisão, como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 1975, p. 137).

Para uma leitura a contrapelo de *Villette*, parto do pressuposto que o discurso literário apresenta a linguagem, não apenas como instrumento de comunicação, mas sobretudo, como componente de estruturas sociais mais amplas, como instrumento de poder. Desta forma, por meio do referencial teórico da análise do discurso francesa: Bakhtin (1988), e Pêcheux (1975), pode-se detectar as contradições históricas e sociais que subjazem a esse texto. Pode-se constatar que *Villette* se constitui em um espaço contraditório no qual são trabalhados os conflitos relativos a um discurso naturalizador para a categoria de gênero, como a contestação e acomodação feminina.

### **A sociedade patriarcal britânica: uma construção histórica**

O romance assim como nosso modo atual de pensá-lo são legados de um corpo de ideias que remontam ao Iluminismo. As categorias de gênero e raça (não podemos ainda falar de classe, pois aparecerá mais tarde com a emergência da burguesia na Europa) podem ser claramente detectadas nesse período histórico. Por meio de um discurso de liberdade, individualismo, civilização e igualdade, os filósofos do movimento definiram a mulher assim como o não-europeu e as crianças, como seres não intelectuais. Argumentava-se que eram guiados pela natureza e deveriam, portanto, receber cuidados de seu contrário: homens, adultos e brancos.

Ao fazer uma grande parcela da sociedade parecer invisível, esses homens definiam a si mesmos como aqueles que detinham o poder intelectual, na ideologia que estavam produzindo.

O século seguinte ao período do Iluminismo apresenta algumas mudanças sociais. Um novo conjunto de valores e conceitos morais é necessário a essas modificações. Uma nova concepção de casamento é difundida – o casamento por amor. Esse sentimento, aliado à fidelidade, é muito importante para essa nova postura na relação conjugal, diferente daquela propagada pela aristocracia. O casamento apresenta-se como a instituição basilar à classe burguesa emergente. Deste modo, o papel da esposa se tornou fundamental para a constituição da família. As mulheres de um ranking social mais alto deveriam ser fiéis, castas e submissas. Impedidas de trabalhar – o que era possível às moças da classe inferior – ou de ter sua própria renda, o casamento era seu único recurso. Mais uma vez eram consideradas dependentes, incapazes e invisíveis. De fato, neste contexto ideológico de domesticidade, o gênero feminino foi naturalizado; as mulheres eram seres cuja essência era imutável.

No século XIX, a aristocracia abre caminho para a burguesia que não obtinha mais seu dinheiro da terra e da herança, mas do capital proveniente das atividades comerciais e industriais e das colônias. Nesse período de transição, a classe média tentou sua consolidação por meio do dinheiro, do poder e da hegemonia cultural. Os escritos sociológicos, antropológicos e médicos veicularam um conjunto de idéias, nas quais a categoria gênero também foi definida. Na literatura, “arautos da ideologia do amor romântico, os romances passaram a exercer um papel fundamental na educação das jovens, inculcando princípios, reforçando atitudes desejáveis e realçando a virtude como a principal qualidade a que elas deviam aspirar” (VASCONCELOS, 1995, p. 89).

As mulheres eram consideradas seres domésticos, reprodutores e maternos, responsáveis pelo avanço da civilização e perpetuação de sua classe. Mesmo as que trabalhassem deveriam desempenhar funções maternas, tais como professora, enfermeira e governanta. Tentar agir de modo diverso levaria à anarquia e à destruição de sua classe. Disseminou-se, então, a ideologia da ‘Rainha do Lar’ (The Angel in The House) para circunscrever o ser mulher, rotulando de monstros e loucas aquelas que se desviavam do estabelecido. Seriam seres doentes e pervertidos como as mulheres da classe trabalhadora, que não viviam essa posição dual.

Esta breve descrição da sociedade britânica mostra como as mulheres foram limitadas pelo contexto e pela cultura. Contudo, houve aquelas que por meio do romance, gênero literário que desde seu surgimento “trouxe para primeiro plano a figura da mulher como protagonista” e “demonstrou um interesse sem precedentes pela natureza e posição

da mulher” (VASCONCELOS, 1995, p. 86), contestaram (mesmo que por vezes reproduzindo a ideologia de seu tempo) sua posição ou, pelo menos, produziram uma posição emergente. Dentre as autoras que procuraram lutar contra a ideia naturalizadora de gênero, Charlotte Brontë foi aquela que com sua vida e obra buscou contestar a invisibilidade conferida à mulher na sociedade inglesa do seu tempo. Embora, não valorize, neste artigo, o papel do autor para a análise do texto, uma vez que assumo que a obra se constitui à medida que constitui o seu contexto, devo destacar que a literatura do período escolhido foi literatura de autoria. Autoras do período escolhido, na maioria das vezes, tentaram valer-se de suas protagonistas e do narrador de seus textos para, de fato, criar um conjunto de ideias contestadoras ao que, na condição de mulheres, experimentavam.

### **Villette – contestação e acomodação**

*Villette* é um romance ilustrativo das questões levantadas neste estudo, por lidar com a visão dicotômica de visibilidade e invisibilidade da mulher numa sociedade controlada por homens. Neste texto literário, negociam-se ambas estratégias de contestação e acomodação, numa tentativa de conciliar esses opostos. Acrescentaria que a leitura do texto traz a ideologia da ‘Rainha do Lar’ e do monstro, numa tentativa de se encontrar um equilíbrio para ambos extremos. De fato, esta tensão entre contestação e acomodação percorre todo o romance, principalmente, na caracterização e no papel do narrador que, no texto, é feminino.

Lucy Snowe, a heroína e narradora de *Villette*, tem em sua constituição ambos os polos. Por todo o romance, num movimento pendular, ela busca e deseja independência e acomodação. Ela anseia por ser livre e diferente das outras personagens femininas que conhece, mas se conforma com as regras de boa conduta imputadas às mulheres de sua classe social. Enquanto busca possuir um negócio próprio para obter seu sustento, sua independência financeira, Lucy também quer o casamento e a estabilidade que ele traz.

Num século em que essas ideias são incompatíveis, o desejo da personagem parece impossível. Contudo, o romance, mesmo nesta tentativa de conciliação dos opostos, apresenta a ideia de rebelião contra o constructo de gênero. A busca da conciliação entre visibilidade e invisibilidade, em si, já se configura em uma alternativa e um questionamento do que é dado como imutável e natural.

Por não ter laços de família, Lucy precisa trabalhar. Sua posição na sociedade é de desvio. Porém, ao escolher uma função para se sustentar, ela se insere na esfera doméstica novamente. Enfermeira, governanta ou professora era o que a mulher daquela época podia ser. A posição independente de Lucy é, deste modo, circunscrita pelo modelo de conformidade.

Além de sua composição dual, enquanto personagem, Lucy, no papel de narradora, também apresenta comentários relevantes sobre a condição da mulher. Há, no romance, algumas observações, comentários e julgamentos por parte de Lucy. Ela condena o comportamento de Ginevra Fanshawe e seu desejo de liberdade. De fato, Ginevra é um dos extremos de Lucy, o “monstro” que ela tenta reprimir. Para Lucy, Ginevra era “filha do prazer” e teria a punição devida.

Contudo, ela também não queria ser Paulina, exemplo de ‘Rainha do Lar’, no texto. Isto significaria total acomodação e sujeição a invisibilidade determinada pela sociedade. De fato, por essa postura e relação com essas outras personagens femininas, Lucy expressa que o ideal deveria ser o equilíbrio entre esses dois exemplos de conduta feminina.

O tipo de homem e companheiro que Lucy necessita para conciliar ambos extremos de sua personalidade não é o médico burguês Bretton. Ele é um homem do mundo em busca de um casamento estável e uma carreira de sucesso. Lucy precisa do herói Paul Emanuel. Ele percebe que Lucy tem sentimentos intensos e deseja ser livre de sua sociedade e condição opressoras. Para Lucy, Paul representa a possibilidade de amor e liberdade que ela procura. Paul, assim como Lucy, também é uma personagem dividida. Embora romântico, independente, corajoso, generoso e de ser a possibilidade de salvação para Lucy, ele é radical e deseja domesticar, dominar o desejo de Lucy.

No desfecho do romance, Lucy parece ter atingido o equilíbrio entre acomodação e contestação. Ela é independente e visível socialmente em sua sociedade e para seu futuro marido. Contudo, essa solução não é tão simples. Lucy pode ter atingido seus objetivos numa esfera romântica. Porém, na sociedade em que vive, no romance, isto não seria provável de acontecer. Ao aceitar Paul por companheiro, ela continuaria, dentro dos padrões de família burguesa, a ser dependente, ‘aluna’ e menor em relação a Paul. Ele seria sempre seu salvador, aquele que concretizou seu sonho de independência (sua escola) e a libertou da conspiração de Madame Beck e Peré Silas.

Nesta tentativa de uma síntese entre romance e realismo, Lucy volta a sua condição de parcial invisibilidade e se conforma com seu papel de mulher naquela sociedade

patriarcal. Isto não significa que o casamento não era possível àquelas que desejavam a liberdade. Riot Scarcey comenta que “a mínima ideia da liberdade política para as mulheres era desestabilizadora demais para a ordem política da metade do século XIX na França” (OFFEN, 1996, p. 147-154).

De fato, na impossibilidade de resolver a tensão vivida pela protagonista no espaço do romance, o provável casamento entre Lucy e Paul fica a cargo do destino. No fim do romance, Paul pode ter morrido em um naufrágio, mas não sabemos ao certo. O que resta a Lucy – e aos leitores – é a visualização de uma possível união feliz e sucesso na vida.

Percebe-se, ao longo do romance, que a tensão vivida por Paul e pela protagonista, principalmente quando tenta suprimir, pelo menos temporariamente, seus desejos, impulsos e romantismo em nome da razão, está na organização formal do romance. Há na constituição das personagens, do enredo, e do próprio movimento desse texto literário, uma tentativa de harmonizar romance e realismo. Aquele traria a possibilidade de libertação da realidade que confere invisibilidade a Lucy, enquanto mulher.

Alguns críticos consideram essa incapacidade de conciliação e completa visibilidade de Lucy ao longo do romance e, principalmente, em sua conclusão como falha da autora. Para eles, o romance termina em conformidade com o discurso naturalizador para a categoria de gênero e desiste do caráter contestador.

Para Terry Eagleton (1988, p. 90), em termos de estrutura do romance, o protesto de Lucy parece não se justificar. A sociedade não é tão opressora para ela como o era para Jane Eyre. Deste modo, ela não necessita de salvação e de experimentar esse impasse final do casamento com Paul Emanuel.

Contudo, mesmo que observemos tais limites, *Villette* traz uma nova proposta e mostra às mulheres que poderiam ser, pelo menos parcialmente, visíveis. Este romance demonstra que ‘ser mulher’ é um constructo cultural, social e discursivo e, portanto, passível de mudança. De fato, os limites desse livro confirmam que aquela não era uma tarefa fácil. A autora mesmo vivia a tentativa de se fazer visível. Em vários momentos do texto, Lucy fala por Charlotte e pelas mulheres de seu tempo, apresentando a elas sua posição indefinida, suas aspirações, sofrimentos e condição de invisibilidade em seu contexto. Gilbert and Susan Gubar comentam que “para a artista do sexo feminino o processo de auto-definição era complicado devido às definições patriarcais que se interpunham entre ‘ela e ela mesma’” (GILBERT, 1979, p. 17). Isto foi válido para Charlotte Brontë e para *Villette*. O romance contém, além das tensões já comentadas, a

própria limitação das artistas em sua sociedade. Deste modo, a negociação entre acomodação e contestação existe e a protagonista é apresentada, simultaneamente, como visível e invisível, anjo e monstro, realismo e romance. Diria que as supostas limitações de *Villette* representam o contexto cultural e social no qual o livro foi produzido. Ademais, a tradição do romance na literatura inglesa anterior a este período é primordialmente masculina. O narrador, do sexo masculino, interfere na concepção das protagonistas e personagens femininas, perpetuando um discurso de acomodação e consolidação da dominação masculina.

### Considerações finais

Por meio da análise desse texto literário, procurei demonstrar que a categoria de gênero é construída e desconstruída socialmente nas mais variadas manifestações discursivas, das quais a obra literária é uma delas.

Destaco, ainda, que romances como *Villette* são instrumentos de produção de ideias emergentes na ‘resignificação’ de valores construídos e sedimentados, apresentando em sua tessitura um discurso alternativo, anti-naturalizador.

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 4ª ed., São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação e Realidade**. 20 (2): 133-184, Julho/Dez, 1995.
- BRONTË, Charlotte. **Villette**. New York: Penguin, 1987.
- CAMPOS, Augusto. Um lance de “Dês” do Grande Sertão. In: COUTINHO, Eduardo (org.). **Guimarães Rosa – Fortuna Crítica**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria literária e história literária. 3 ed., São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- DERRY, John. **A Short History of Nineteenth Century England**. London: Blandford Press Ltd., 1963.
- EAGLETON, Terry. **Myths of Power**. 2ed., London: Macmillan Press, 1988.
- GILBERT, Sandra e GUBAR, Sursan. **The Madwoman in the Attic**: the woman writer and the Nineteenth-Century literary Imagination. New Haven: Yale University Press, 1979.
- OFFEN, Karen. Review of Michele Riot-Scarcey *La Democratie a l’épreuve des femmes trois figures critiques du pouvoir 1830-1848*, **Contemporary Women’s Issues Database**. Vol.8: 147-54, Março/1995.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do Óbvio. Campinas: Unicamp, 1988 (trad. de Les Vérités de la Palice, 1975).

SCHWARZ, Roberto. **Duas Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VASCONCELOS, Sandra G. T. Construções do Feminino no Romance Inglês do século XVIII, **Polifonia**, Cuiabá: EdUFMT, 2: 85-100, 1995.

**Carla Alexandra Ferreira** é doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo, professora e pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos ([rucarla@hotmail.com](mailto:rucarla@hotmail.com)).